UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

JULIANA DREWKE OLIVEIRA

LUGARES QUE HABITAM CORPOS; CORPOS QUE OCUPAM ESPAÇOS: QUAIS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A FORMAÇÃO ESTÉTICA E SENSÍVEL DO SUJEITO PELA EXPERIÊNCIA EM ESPAÇOS DE CULTURA?

CRICIÚMA
2020

JULIANA DREWKE OLIVEIRA

LUGARES QUE HABITAM CORPOS; CORPOS QUE OCUPAM ESPAÇOS: QUAIS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A FORMAÇÃO ESTÉTICA E SENSÍVEL DO SUJEITO PELA EXPERIÊNCIA EM ESPAÇOS DE CULTURA?

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de graduação no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profª Ma. Daniele Cristina Zacarão Pereira

CRICIÚMA

2020

JULIANA DREWKE OLIVEIRA

TÍTULO DO TRABALHO: SUBTÍTULO SE HOUVER

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Graduação, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e arte.

Criciúma, xx de dezembro de 2020 (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma Daniele Cristina Zacarão Pereira - (UNESC) - Orientadora

Prof. Dr. Marcelo Feldhaus - (UNESC)

Prof. Ma Odete Angelina Calderan – (UNESC)

Aos (Às) que resistem e ocupam:

Gabriel Presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que apoiaram de forma significativa a realização desse trabalho. Inicio por minha família, em especial Zuluca, Dilnei, Claudia, Otavio e Maria Fernanda que fizeram essa formação possível; aos amigos e colegas da universidade, que mandavam textos e referências sobre cultura desde o início da graduação; aos professores e professoras do curso de Artes Visuais da Unesc, pois realizam um trabalho de excelência; à minha querida orientadora Daniele, que de maneira doce e inspiradora esteve comigo em todos os estágios da escrita e para além deles; à coordenação do curso e todas suas integrantes, por serem profissionais sensíveis e dedicadas; aos entrevistados e entrevistadas Guilherme, Gustavo, Hilda, João, Juliana e Olivia, que se dispuseram a contribuir com a pesquisa; ao Departamento de Cultura de Araranguá, em especial Micheline e Alexandre, por serem meus primeiros guias na área que adotei em meu coração; ao Ateliê Calle 7 e todos seus contribuidores e contribuidoras, a Casa da Fraternidade e sua equipe, ao Galpão Cultural e todos os artistas independentes que me acompanharam e me motivam a estar nessa caminhada. Minha formação é consequência de todos que cruzaram meu caminho.

“É a fantasmática do corpo, aliás, o que me interessa, e não o corpo em si”

Lygia Clark

RESUMO

A pesquisa apresentada busca caminhos possíveis, por meio de conceitos teóricos e produções visuais, entre a relação da ocupação dos espaços de arte e cultura na cidade de Araranguá com a formação humana por meio da experiência sensível. Utilizando do método da cartografia, traz narrativas de entrevistas com frequentadores dos locais de cultura como Museu Histórico de Araranguá, Casa da Fraternidade, Ateliê Calle 7, Galpão Cultural e do evento Independência e Arte, trilha e revisita os locais em uma série fotográfica intitulada Dissolução do Corpo-lugar para discutir sobre educação e arte nos espaços não formais, ampliar os estudos sobre estética e mapear os lugares de cultura. Para isso, utiliza do conceito de experiência de Larrosa, Corpografia de Jacques, Professores Andarilhos da Cultura de Celeste e Martins e baseada também nos estudos de educação não formal de Gohn.

Palavras-chave: Espaço Não Formal de Educação. Corpos. Espaço de Cultura. Formação estética. Araranguá.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Corpo-Gradeamento, Judh, Fotografia, 2020 12
Figura 02 – Jardim que me habita I, Judh, Fotografia, 2020 14
Figura 03 – Jardim que me habita II, Judh, Fotografia, 2020 15
Figura 04 - Museu Histórico, Judh, Fotografia, 2020 31
Figura 05 – Arquivo Histórico, Judh, Fotografia, 2020 32
Figura 06 – Arquivo Histórico, Judh, Fotografia, 2020 33
Figura 07 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020 35
Figura 08 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020 [ampliada] 36
Figura 09 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020 37
Figura 10 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020 [ampliada] 38

Figura 11 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020 39
Figura 12 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020 [ampliada] 40
Figura 13 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020 42
Figura 14 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020 43
Figura 15 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020 [ampliada] 44
Figura 16 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020 45
Figura 17 – Ateliê Calle 7, Judh, Fotografia, 2020 47
Figura 18 – Ateliê Calle 7, Judh, Fotografia, 2020 [ampliada] 48
Figura 19 – Ateliê Calle 7, Judh, Fotografia, 2020 49
Figura 20 - Ateliê Calle 7, Judh, Fotografia, 2020 [ampliada] 50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

SC - Santa Catarina

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – UM CONTEXTO	11
2 O CORPO-LUGAR	18
3 Os ESPAÇOS-POTÊNCIA	19
4 MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE CULTURA DE ARARANGUÁ	29
5 PROJETO DE ENSINO	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO – UM CONTEXTO

Aqui me permito escrever um começo. Não que esse tenha sido o ponto de partida dessa escrita, mas para fins estruturais aqui me remeto às memórias menos recentes. Eu sou filha de um vendedor e de uma cozinheira, irmã mais velha, neta que já morou com os avós. Morei, aliás, em mais de uma casa, em mais de uma cidade, e até em mais de um corpo, levando em conta o que Heráclito[1] diz sobre nadar num mesmo rio duas vezes. Apesar das mudanças de habitações, passei a maior parte da minha vida (até agora) em Araranguá/SC, na casa dos meus pais e lá me reconheço como pertencente, como cidadã e parte constituinte e construtora desse coletivo. A cidade de Araranguá é raiz de outras cidades da região, é vista por vezes como ponto de partida do sul catarinense. Foi habitada por povos indígenas, usada como rota comercial de tropeiros, passou por batalhas, ampliações e desconstruções até hoje se tornar a cidade das avenidas, com sua estimativa de 68.228 habitantes (IBGE 2019). Foi nessa cidade onde passei meus 12 anos obrigatórios de escola, no caso 13 com o curso técnico integrado ao ensino médio, lá onde conheci meus primeiros amigos e amigas, amores, vizinhos e vizinhas, professoras e professores, mestres, colegas, chefes, entre outras figuras.

Lá eu me envolvi e me desenvolvi com grupos de teatro amador e com a música num primeiro momento devido aos costumes da minha família, e mais tarde, por inquietações individuais, também conheci e convivi com escritores e escritoras independentes, com artistas plásticos, dançarinas e dançarinos, historiadores e historiadoras, artesãs, poetas, declamadores, capoeiristas, palhaços e palhaças, educadores e educadoras e muita gente que move a arte e a cultura nesse lugar-casa. Nem sempre foi fácil enxergá-los do meu contexto de moradora da zona rural sem condições financeiras para frequentar

[1] Heráclito foi um grande pensador do período pré-socrático reconhecido pelo aforismo “Não se pode percorrer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; por causa da impetuosidade e da velocidade da mutação, esta se dispersa e se recolhe, vem e vai”

espaços e eventos com um custo maior que o deslocamento até eles, mas foi buscando-os que tracei meu caminho até o Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense — UNESC.

Hoje já mais madura, me assumo artista-professora-pesquisadora, sempre em formação. Ao longo da caminhada no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, tive acesso à ateliês, galerias, museus, bienais, praças e ainda outros locais que, com o impulso certo, se tornavam experiência de transformação cultural. Eu como sujeito, me sentia permeada e modificada por espaços, lugares, eventos, outros sujeitos, assim como eu, como sujeito, passei a me perceber como corpo que ocupa esses espaços e é capaz de os modificarem também.

Além de ter acesso aos locais, também tive a oportunidade de estagiar em uma instituição de cultura: a Casa de Cultura Máxima Astrogilda de Souza em Araranguá, que funciona como departamento de cultura municipal e abriga o Museu Histórico de Araranguá. Um prédio construído na década de quarenta, que mantém vivas memórias de uma comunidade inteira e que é tomado por vida quando pessoas que o frequentaram adentram a estrutura do casarão e ativam essas memórias através de suas narrativas. O corpo aqui tem papel de registro de memórias afetivas, onde os lugares passam a ocupar o próprio corpo, onde o lugar ganha vida através das memórias do corpo. O corpo se forma através das relações de lugar-memória.

O que me move hoje enquanto artista e enquanto ser que vive, são impulsos que surgem dos seguintes conceitos que busco agora elucidar, são eles: memória, sujeito, experiência, cultura, corpo, lugar, sensível. Entendo cada uma dessas palavras conectadas, relacionadas, unidas de alguma maneira, e assim construindo sentido. Que corpo é esse? Que sujeito é esse? De que lugar se fala? O que é a experiência? O sujeito como corpo sensível, o corpo como lugar de experiência, a memória como movimento da cultura, um sempre entrelaçando o outro. Assim como Larrosa (2011, p 7), o sujeito aqui “Trata-se, portanto, de um sujeito aberto, sensível, vulnerável ex/posto”, um sujeito disposto a sua própria transformação e essa transformação vem da experiência, que acontece em razão dessa “ex/posição”.

> Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dei, que está fora de lugar (LARROSA, 2011, p 5).

A experiência é “um acontecimento exterior a mim. Mas o lugar da experiência sou eu” (LARROSA, 2011, p 6), o sujeito é lugar da experiência e cada eu, cada sujeito, será transformado pela experiência de maneira particular, única, subjetiva. O sujeito sensível passa a ser lugar (da experiência, mas também da memória, dos afetos, de outros sujeitos e outros lugares), o corpo que ocupa lugares aqui também é habitado, é, segundo Larrosa (2001, p. 24), “território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. O corpo-memória ganha forma através dessas modificações vindas das experiências do sujeito sensível. Entendo o corpo desse sujeito como um lugar habitado por essas memórias resultadas das experiências, o corpo tem o papel de guardá-las e ativá-las quando provocado pelo exterior, pelos lugares ocupados pelo corpo e pelos sujeitos alheios a ele.

Outra palavra que costuma me acompanhar por essas reflexões é cultura, além dos próprios lugares físicos intitulados culturais. De maneira breve, cultura é aquilo que identifica os grupos de sujeitos. É a partir dela que se pode compreender melhor os modos de viver de uma comunidade, os hábitos, produções artísticas e a história dos sujeitos e coletivos. Assumo junto à Gohn que “A experiência tem papel importante e entendemos a cultura como um processo vivo e dinâmico, fruto de interações em que são construídos valores, modos de percepção do mundo, nossa moral e uma ética no agir humano” (GOHN, 2015, p 18). Entender sua cultura é ocupar seu corpo-lugar-memória, é reconhecer sua própria identidade e como ela se constitui.

Considerados esses conceitos procuro adentrar a pesquisa nesse papel da formação estética dos sujeitos. Lugares são como ativadores da experiência? Que lugares são esses? Por quem são habitados? Que corpos são esses? Enfim apresento o problema da pesquisa: **Lugares que habitam corpos; Corpos que ocupam espaços:**

Quais caminhos possíveis para a formação estética e sensível do sujeito pela experiência em espaços de cultura?

Ao longo dessa caminhada, me acompanharão alguns teóricos para ampliar e edificar essa pesquisa. Pensando numa graduação em licenciatura é natural falar-se sobre educação, mas aqui a educação foge das barreiras da escola e se amplia para outros caminhos. Como Gohn (2013, p.13) destaca, "A educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que atua como cidadãos" e a partir dela também podemos compreender a formação humana.

> Território, espaço, escala, região, lugar, localização, localidades, distâncias, cartografias, mapas, polaridades, polarização, cenários, paisagens, ambiente, comunidades locais, etc., essas categorias têm sido utilizadas para a compreensão de que a educação não formal poderá ocorrer tanto em espaços urbanos como rurais; tanto em espaços institucionalizados (no interior de um conselho gestor, por exemplo), como no interior de um movimento social, entre aqueles que lá estão participando e reivindicando, e vão aprender algo sobre um dado tema - quem são opositores, os encaminhamentos necessários; como poderá ocorrer ainda em outros espaços sociopolíticos, como nas ONG's, nos museus, etc. (GOHN, 2013, p.14)

Também falo do lugar-escola, mas para além dele falo do lugar-museu, do lugar-praça, do lugar-ateliê e de todo espaço de cultura e arte potente à formação estética que surgir a partir dessa caminhada, pois "[...] se nosso corpo/olhar se faz viajante sensível e atento, uma viagem pode se tornar real quando visitamos a praça próxima, a rua de nossa casa ou da escola, ou mesmo a casa do vizinho" (MARTINS, 2012. p.9). Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins serão uma das companhias com suas considerações em *Mediação Cultural para Professores Andarilhos na Cultura*. Quando me refiro a potência dos espaços de cultura, compartilho da ideia de expedição de Martins, onde o sujeito é preparado e aberto para a experiência da ocupação desses espaços, onde o sujeito está presente.

> A frequentação em museus, galerias, exposições não pode ser substituído por imagens, CD-ROM ou qualquer

> outra tecnologia. Nada pode substituir as relações estabelecidas pelo olhar capaz de ver proporções, texturas, etc. Sempre nos encantaremos com as formas e cores construídas nas penumbras e que são roubadas nas reproduções, ou no ato de girar em torno da obra para captar toda sua tridimensionalidade. (MARTINS, 2012, p 28)

Trago aqui o conceito de experiência de Jorge Larrosa como algo que acontece e modifica o sujeito sensível, um acontecimento que gera transformação no corpo habitado por memórias, vivências, subjetividades e um universo inteiro de coisas. “O sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 24) e esses acontecimentos que transformam o espaço-sujeito são as experiências. O corpo aqui se torna lugar e esse mesmo corpo-lugar também ocupa e modifica outros espaços, lugares, sujeitos sensíveis.

Falo dessa transformação principalmente pensando no papel da formação estética dos sujeitos, que encontra seus caminhos através da arte e da cultura, pois acredito que ela tem um papel fundamental no desenvolvimento dos sujeitos que vai além da educação formal e se espalha para outros campos da vida. Por estética me junto à Silva, apoiado em Adorno, quando afirma que:

> Se a experiência estética é de um “estremecimento” do eu que clama pelo não idêntico diante da natureza, a experiência formativa será, analogamente, a de uma destituição da segurança do eu, da razão dominadora. O que equivale a introduzir na formação cultural contemporânea a perspectiva de um estremecimento constitutivo do sujeito no processo educacional, um fundamento mimético para a experiência estética, mas também para a experiência formativa. (SILVA, 2015, p. 216).

Ainda sobre estética, trago também a fala de Virgínia Kastrup sobre a experiência estética que “tem, assim, o potencial de desencadear processos de aprendizagem” (KASTRUP, 2016. p. 4), apresentada no material educativo Educação e Incerteza — *Processos artísticos e pedagógicos* — da 32ª Bienal de São Paulo,

onde também encontro caminhos possíveis para esta discussão.

Esse projeto tem como uma de suas bases desenvolver a pesquisa no campo das artes visuais e da educação, onde a "[...] pesquisa implica o preenchimento de três requisitos básicos: a existência de uma pergunta que se deseja responder; um conjunto de passos que permitam obter a informação para respondê-la; a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida" (COSTA e SILVA, 2015, p.8). A partir dela serão explorados conceitos e teóricos da área de arte, cultura e educação, refletindo sobre o papel de espaços de cultura na formação estética dos sujeitos usando, para isso, de procedimentos da pesquisa bibliográfica. Sendo assim, se constitui como pesquisa científica básica gerando novos conhecimentos sobre o tema, de caráter qualitativo. Sua linha de pesquisa segue orientação do Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Visuais da UNESC e é descrito da seguinte forma: "Educação e arte: Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação"[2]. Quanto ao método, busco traçar caminhos junto à cartografia, onde, de maneira geral, se propõe estar aberto às possibilidades que surgirem nos percursos, explorando pistas e mapeando novas possibilidades no processo da pesquisa. "A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua forma performática, sua pragmática: princípio inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real" (DELEUZE e GUATTARI, 1995. p.21) e me permite andar por espaços não previstos nos campos estudados, podendo criar e recriar relações pelas linguagens da arte.

Para execução da pesquisa, retomando o problema de pesquisa: **Lugares que habitam corpos; Corpos que ocupam espaços: Quais caminhos possíveis para a formação estética e sensível do sujeito pela experiência em espaços de cultura?** Pretendo explorar os espaços de cultura possíveis na

[2] Linha de pesquisa disponíveis nas Normas de TCC do curso de licenciatura em artes visuais disponível em http://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/11230.pdf?1426022391

cidade de Araranguá, refletindo sobre seus potenciais de experiência estética nos sujeitos sensíveis, dialogando com referenciais teóricos sobre o tema e ampliando a pesquisa na área de formação estética. Pensar e relacionar o papel do corpo dos sujeitos sensíveis nesses espaços, relacionando conceitos teóricos que afirmam a importância do conhecimento sensível garantido através do corpo e seus sentidos. Através de diálogos gravados em reunião online com a frase-proposta “Como teu corpo foi formado no espaço (espaço específico para cada frequentador)?” pré-estruturada sobre a relação do corpo frequentador com o espaço frequentado, perceber na fala desses frequentadores dos espaços culturais a importância da arte e cultura em suas formações humanas e, por fim, mapear os espaços culturais existentes em Araranguá em formato de série fotográfica artística que sirva de abertura para o maior acesso da população a esses espaços. Para isso, divido os capítulos que seguem da seguinte maneira: O Corpo-lugar, Os Espaços-potência, Mapeamento dos espaços de cultura de Araranguá e Proposta Educativa.

2 O CORPO-LUGAR

Tendemos, por conta do nosso contexto social e cultural, a priorizar o poder da nossa mente humana. Valorizamos a capacidade de produzir pensamento, organizar logicamente as ideias, etc. Por várias vezes fui induzida a repensar essa priorização enquanto professora de artes em formação. É certo que a mente possibilita coisas incríveis, mas quase esquecemos que a mente é parte do nosso corpo. Com o corpo ocupamos, vemos, falamos, sentimos. O corpo produz conhecimento e nos forma enquanto seres humanos. Sem corpo não há arte, seja para produzi-la, seja para apreciá-la ou interagir com ela. Levando em conta que esta pesquisa acontece em meio a um isolamento social causado pela pandemia do novo covid-19, pensar no contato corporal, na importância da presença do corpo e do contato físico é inevitável. Principalmente pensando nas produções de arte que utilizam o corpo, seja como suporte ou seja representado, reconheço a necessidade de trazer o corpo à discussão e buscar aqui a retomada de consciência (ou a abertura, a exposição) deste corpo que ocupa e é ocupado.

> É na corporeidade humana que buscam a base para uma teoria da subjetivação, da constituição dos desejos, das sexualidades e das diferenças sexuais, dos fenômenos de resistência e agência. Os seres humanos, são afinal, como afirmam esses argumentos, corporificados, a despeito de todas as tentativas dos filósofos, desde o Iluminismo, para descrevê-los como criaturas de razão e para afirmar que essa capacidade para raciocinar afasta os humanos de suas características como criaturas (SANTELLA, 2008, p 23).

No início do isolamento social, em estado de *Lockdown* — bloqueio total ou confinamento — senti a necessidade de produzir no meu próprio corpo, sentir-me como suporte, expressar o corpo preso naquele momento. A seguir, trago o registro fotográfico após a vídeo performance Corpo-Gradeamento e partindo dela, apresento-me como artista-professora-pesquisadora-etc.

Figura 01 – Corpo-Gradeamento, Judh, Fotografia, 2020.

Fonte: Acervo pessoal

O corpo é, além do que nos identifica, aquilo que carregamos conosco. Nele estão nossas marcas, cicatrizes, cores, peso, fluídos, tensões, cheiros, histórias. O corpo possui memória e a reativa quando, por exemplo, sentimos aquele cheiro daquela comida que marcou aquela época da nossa infância, ou quando num toque despretensioso lembramos do dia em que sentimos aquela sensação antes. Pelo corpo percebemos e somos percebidos no mundo, comunicamos e somos comunicados por ele. O corpo nos mostra o que nos ficou das experiências, o que nos afetou e afeta, o que nos ocupa. O corpo-lugar é esse espaço onde cabem infinitas possibilidades de memórias daquilo que já passamos e que ficou em nós, nos transformou e deixou algum vestígio, assim como diz Lygia Clark, "É a fantasmática do corpo, aliás, o que me interessa, e não o corpo em si" (1971, p 223). Com nosso corpo podemos também transitar buscando novas experiências ao ocupar outros espaços, estando abertos aos trilhares inesperados.

Abaixo trago duas produções em fotografias que podem auxiliar na representação do meu corpo-lugar. *Jardim que me habita* é produzido em meio ao isolamento social, onde o corpo ocupava sozinho um único espaço: a minha própria casa. Estar isolada possibilitou perceber de forma mais nítida o quanto o corpo tem suas necessidades de contato físico, de transitar por outros espaços, de se movimentar.

> Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do "próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define (CERTEAU, 1998, p 201)

Estando impedida dessas necessidades, o corpo começa a buscar relações de memórias antigas, no momento em que produzido, memórias do jardim da casa da minha mãe. Para mim, o jardim sempre foi um lugar de muitas memórias afetivas e é fácil lembrar dos vestígios que o jardim deixou no meu corpo. Os cheiros das plantas, a umidade, os tons das cores mudando no pôr do sol ou as folhas entrando pela janela enquanto tomava café da

manhã. Isolada, busquei sentir por essas sensações agora na minha própria casa, uma tentativa de fazer com que meu novo jardim, agora formatado em um espaço minúsculo e limitado por vasos, me ocupasse e se relacionasse também com o meu corpo-lugar, abrindo espaço para novas experiências nesse novo espaço.

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 1998, p 202).

Figura 02 – Jardim que me habita I, Judh, Fotografia, 2020.

Fonte: Acervo pessoal

Figura 03 – Jardim que me habita II, Judh, Fotografia, 2020.

Fonte: Acervo pessoal

Se a experiência, segundo Larrosa (2002), é aquilo que nos acontece (que nos passa) e, por isso, é o que está fora de mim, externo a mim – e eu exposta ao acontecimento – logo, é necessário que haja esse lugar outro, ou um outro sujeito-lugar, para causar o que me afeta, me transformar enquanto indivíduo e ocupar o (ou criar ocupação no) corpo exposto. O corpo exposto é o corpo autônomo, disposto, onde habitam as experiências. Cada sujeito ocupa seu corpo-lugar constituídos a partir de suas experiências, seus viveres, mas o corpo-lugar também ocupa espaços e os modifica, ativa e é ativado por eles.

Quando o visitante do museu recorda sua época de infância em que ele morava no casarão — antes de ser um museu; ao caminhar pelo segundo andar, o corpo-lugar dele está exposto ao espaço, reagindo a ele e o modificando, agregando valores, cheio de memórias, nostalgia, experiências e elas passam a ocupar o prédio em sua narrativa também. O corpo que transita o espaço cria suas relações singulares, como Clark havia também observado em uma de suas cartas a Hélio Oiticica: “Fiz algumas experiências só com o corpo sem objeto nenhum. É curioso - você encontra novos relacionamentos entre os corpos através de novas percepções do espaços” (CLARK, 1971, p 213). Segundo a ideia de Corpografia, de Paola Berenstein Jacques, “[...] a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente”. Percebemos assim a relação formativa entre esse sujeito e o prédio.

> O estudo *corpográfico* pode ser interessante tanto para se compreenderem as memórias corporais resultantes da experiência do espaço quanto para se apreenderem as memórias espaciais registradas no próprio corpo através das experiências urbanas (JACQUES, 2009, p 131).

Se, para haver a experiência transformadora do corpo sensível, é necessário que o corpo esteja em contato com o outro, com outra coisa, outro lugar, torna-se inevitável falar da presença do corpo e da frequentação dos espaços-potência de experiências formativas, aqui os

espaços de cultura. Mantecon sugere algumas reflexões sobre o público:

> Os públicos se constituem a longo prazo na vida cotidiana familiar, em grupo e na formação escolar. A família, as comunidades de pertencimento e a escola contribuem com este processo através da transmissão do capital cultural necessário para identificar e desfrutar as ofertas culturais. Trata-se de um conjunto de disposições incorporadas que permitem distinguir, avaliar e usufruir as práticas e ofertas culturais. São elas que produzem a certeza de se sentir convidado. Estas mesmas disposições são as que fazem com que se construa um público quando se reduz a distância social percebida que separa a população das ofertas e práticas culturais (MANTECON, 2009, p 188).

Para que haja experiência é necessário estar presente. Não que não hajam mais formas de desfrutar das experiências através da virtualidade ou movimentos/eventos não presenciais, mas nada substitui a presença do corpo no espaço. O corpo-lugar se constitui nessa relação onde o corpo ocupa o lugar e por ele é ocupado. O lugar da experiência é ativado pelo corpo e o corpo é ativado pelo lugar estando disposto à sua própria transformação. Pensando neste momento de pandemia da Covid-19, nos deparamos com os espaços de cultura fechados a fim de manter o isolamento social e adaptados, ou não, para novos modos de funcionamento como exposições virtuais, lives, interações pelas redes sociais, entre outras saídas encontradas. Não há mais corpos ocupando esses espaços, logo, perde-se a experiência do contato, deixa de afetar o corpo por completo.

> Entrar em um museu ou instituto cultural sabendo o que se expõe não garante que possamos aproveitar a visita para ampliar nossos conhecimentos. As informações são importantes, quer sejam dadas por leitura, pesquisa, ou pelo monitor ou mediador, mas o importante é também nosso olhar/corpo singular, o encontro entre nossas referências pessoais e sociais com o que nossos olhos veem, com o que nossos ouvidos ouvem, com o que nosso corpo sente (MARTINS, 2012, p 13).

Diante desse novo cenário, me questiono quanto está sendo perdido ou ganhado em termos de experiência sensível dos sujeitos. A virtualidade, os espaços virtuais, são uma saída possível, mas não podem substituir a presença dos corpos, as perspectivas da ocupação real, física, do lugar, pelo contrário, causam o apagamento

deles. Busco através de diálogos realizados virtualmente, via reunião online, e relatados a seguir, para perceber as relações de sujeitos frequentadores de espaços de cultura em Araranguá e a partir delas descrever alguns desses espaços informais de educação, cultura e arte que também me formaram enquanto artista e cidadã.

3 Os ESPAÇOS-POTÊNCIA

Percebendo alguns rostos que se repetiam nos espaços culturais da cidade, listei nomes de pessoas que considerava formadas também pelos lugares que trarei, e os convidei para uma conversa em reunião online. A partir de diálogos com frequentadores de espaços culturais de Araranguá que aceitaram minha proposta, trago a seguir algumas relações dos corpos-lugares com os espaços-potência e descrevo alguns lugares presentes nos trilhares culturais da cidade.

> [...] a cidade deixa de ser um cenário espetacular no momento em que ela é vivida. E mais do que isso, no momento em que a cidade - o corpo urbano - é experimentada, esta também se inscreve como ação perceptiva e, dessa forma, sobrevive e resiste no corpo de quem pratica (JACQUES, 2009, p 132).

Começo pelo lugar que considero mais íntimo a minha formação. Iniciei, em 2017, um estágio não obrigatório na Casa de Cultura Máxima Astrogilda de Souza, no centro de Araranguá, ao lado da Praça Hercílio Luz. O casarão de dois andares foi inicialmente construído para uma casa de comércio, mais tarde se tornou um banco que abrigava a família do gerente em seu andar superior. É ocupado atualmente pelo departamento de cultura de Araranguá, pelo Museu Histórico e pelo Arquivo Histórico da cidade. Foram dois anos trabalhando diretamente com mediações, curadorias e pesquisas de exposições, além de organização e execução de eventos de cultura e tudo que envolvesse a área. Com o contato com tantas pessoas que lá também estiveram, trago dois relatos iniciais para descrever esse espaço-potência, de Olivia[3] e Juliana[4].

[3] Acadêmica de física, ex-mediadora no Museu Histórico de Araranguá.
[4] Acadêmica de artes visuais, artista e mediadora no Museu Histórico de Araranguá.

> *Primeiro tem a Olivia como parte da cidade que esteve aproveitando o museu para enriquecer os seus conhecimentos [...] Tem a Olivia que fez parte da montagem da exposição, que seria mais no âmbito acadêmico, como pessoal que organiza esse tipo de evento. É uma experiência sem estigma de valor, não tem como eu dizer "Ah, foi muito legal", porque foi mais que muito legal. São pontos que evoluíram na constituição de Olívia que não iriam evoluir em outro espaço.* [Olivia Souza]

A última exposição montada (e que permanece até então) no museu chama-se *"Uma Jornada pelo Universo"*. Nela foram montados grandes painéis sobre estrelas, sistemas, cometas, gravidade, entre outros assuntos, além de séries de astrofotografias, planetas tridimensionais, óculos de realidade virtual e experimentos científicos interativos. Segundo Mantecon, "O papel de público é gerado no encontro com as ofertas culturais, não preexiste a elas" (2009, p 178). O público acontece quando está exposto à oferta cultural.

> *Eu vi muita gente se sentir atravessada por essa exposição. É muito gratificante ver uma pessoa que nunca teve contato com uma experiência científica de uma forma tão profunda, por exemplo, pessoas que tiveram contato com o universo de uma vertente religiosa ou mitológica e nunca tinham pensado em outra possibilidade, por mais que tenham atravessado a escola, foi de uma forma às vezes muito rasa, e ali na exposição são tantas informações novas. Tu vê aqueles olhinhos brilhando.* [Juliana Florentino]

Uma das coisas que mais me encantam no museu são as pessoas que escolheram entrar. Não existe obrigatoriedade na frequentação de um museu, quem entra no local, escolheu estar ali. O conhecimento adquirido pelas exposições ou pelo acervo são tão potentes quanto os da educação formal, consegue falar sobre origens, histórias e novas perspectivas de olhar para elas e entender a si mesmo e ao coletivo.

> Visitar um museu ou espaço de cultura pode ter o mesmo sabor de uma viagem a um novo território. Mesmo para quem já o conhece, penetrar em suas obras e histórias cria a oportunidade de novos encontros estéticos, seja porque frequentemente o acervo exposto passa por mudanças devido a preservação das obras, seja porque é sempre possível ter novos *insights* e experiências ao ver as mesmas obras ou objetos (Martins, 2012, p 10).

A frequentação do museu por escolha reafirma sua importância enquanto espaço de formação, as peças e composições ali expostas possuem potência de aprendizado para os que observam. Percebo, após trabalhar nesse local, que reconhecer a relevância desse espaço é parte de uma consciência crítica por parte dos cidadãos — não desconsiderando as condições de acesso; ocupar os espaços públicos de potência formativa é exercer seu papel como ser constituinte de uma comunidade, da sociedade. As exposições podem funcionar como encontros com novas relações do nosso corpo-lugar.

> *Uma pessoa quando tem contato com algo novo, se torna uma pessoa diferente do que ela era anteriormente. De alguma maneira, tudo que está sendo mostrado, seja de ciências humanas ou ciências exatas, vai interferir no pensamento daquela pessoa, assim como interfere na vida dela.* [Olivia Souza]

> *O acervo que temos é muito rico. Saber a história de Araranguá através dos objetos é uma experiência única. Ficar imaginando como se passava o dia a dia de cada uma das pessoas que detinha esses objetos é surreal. Só quem tocou, quem viveu, sabe. [...] Até os objetos eletrônicos, os objetos históricos, a parte indígena, aquilo conta tanta história. Tem partes ali de artesanato que não se faz mais hoje em dia, que são as bonecas de palha. [...] Eu sinto que eu fui muito atravessada.* [Juliana Florentino]

A partir dos diálogos com os frequentadores do espaço, se torna mais claro a importância do contato com esses locais para o acontecimento da experiência no corpo sensível dos sujeitos. A presença dos corpos no museu é como a materialização de pensamentos, por exemplo, nas

exposições, é construir conexões e sentido nas memórias e saberes individuais.

> *A exposição foi muito importante pra mim, respondeu perguntas que eu tinha, senti que me atravessou dessa forma, foi uma enxurrada de conhecimento. [...] Aquele universo [a sala com óculos de realidade virtual] traz algo além da imaginação. É como se tudo que tu imaginasse, tu visse de forma concreta. Tu se colocar como um astronauta indo até os planetas ou imaginando a passagem do tempo, vendo os dinossauros e tudo mais, aquilo foi muito amplo, as pessoas saíam sempre deslumbradas.* [Juliana Florentino]

O espaço-potência que aparece a seguir é a Casa da Fraternidade. Uma entidade bancada através de doações e projetos financiados por editais, que, entre outras coisas, visa prestar assistência e dar acesso da cultura às crianças e jovens da comunidade. Para elucidar sobre a casa trago mais uma vez o relato de Juliana e de Gustavo[5], frequentadores da Casa:

> *Outro espaço onde há uma movimentação cultural muito linda é a Casa da Fraternidade. [...] Por mais que as salas estivessem vazias, eu conseguia sentir que havia vida lá dentro. Tinha a sala onde exerciam o balé, capoeira, tinha a sala de violão, o bazar… Tem a horta, os projetos como servir almoço para a comunidade. É impressionante, porque todas as pessoas que estão lá, estão muito envolvidas, estão muito engajadas.* [Juliana Florentino]

> *Se não fosse a casa, eu não seria tão aberto para entender as necessidades que as pessoas passam. Não as diferenças, mas ver que tem gente que precisa mais que outros e que tem gente que tem mais dificuldade, tem gente que não. [...] Mesmo no teatro a gente trabalha com outras coisas que influenciam na comunidade. Normalmente o pessoal da região do Lagoão não vai ter acesso ao*

[5]Ator e frequentador da Casa da Fraternidade

> *teatro, uma peça de teatro, um espetáculo. Então a gente faz isso, leva o espetáculo para o pessoal.* [Gustavo Pereira]

Possibilitar o acesso a esse público, é permitir que ele se reconheça nas ofertas culturais, descubra sobre si e sobre o outro. As manifestações culturais são resultantes das memórias coletivas e contam histórias, costumes, hábitos de grupos de sujeitos. Com essa possibilidade de acesso, se amplia o repertório artístico e cultural e, consequentemente, se formam os sujeitos.

> *Fiz teatro, eu fiz violão, boi de mamão, capoeira, espanhol e fotografia. [...] O violão foi o primeiro que eu tive acesso, foi a primeira coisa que fiz na casa, eu não teria porque uma aula de violão não é um negócio que se encaixa na minha vida. Não é algo que eu teria como ficar pagando aula de violão. Se não fosse pela casa eu nem teria feito.* [Gustavo Pereira]

Em minha caminhada pela Casa, dei oficinas de teatro para um grupo de adolescentes entre 12 e 15 anos, como voluntária. A casa sempre ofereceu muitas aulas, formações, oficinas de várias áreas e conta com pessoas engajadas em uma mesma causa. Juliana traz uma citação importante sobre uma de suas conversas com as responsáveis pela casa, onde, mais uma vez, fica evidenciada a importância da Casa da Fraternidade para a educação não formal na região, incentivando as crianças e jovens a participarem e ocuparem esse espaço-potência desde cedo:

> *Nenhuma criança é obrigada a estar aqui, ela vai estar aqui porque ela quer estar aqui. A nossa intenção é instigar a vontade dela para a cultura.* [Juliana Florentino]

> Certamente, levar em consideração as condições sociais de acesso e favorecer uma distribuição mais estendida dos bens culturais, assim como garantir que não existam obstáculos econômicos que impeçam seu desfrute - é um dos primeiros passos para se democratizar seu consumo (MANTECON, 2009, p 194).

Com a existência da Casa há também uma modificação na comunidade, na cidade, pois ela busca

entender seu público, movimenta os moradores, cria e ativa lugares de experiência. Reconhecida como ponto de cultura pela Secretaria do Estado e Ministério da Cultura desde 2009, é um dos pontos mais importantes e diversificado atualmente.

> Os públicos não nascem como tais, formam-se e transformam-se permanentemente pela ação da família, amigos, escola, comunidade circundante, meios de comunicação, ofertas culturais, intermediários culturais, entre outros agentes que influem - com diferentes capacidades e recursos - nas maneiras como se aproximam ou se afastam das experiências de consumo cultural (MANTECON, 2009, p 182).

> *Depois que entrei para a casa tive um desenvolvimento maior do que se eu não tivesse entrado. Aprendi a lidar melhor com as situações, ver as pessoas com outros olhos. [...] Eu acho que a casa me adiantou muita coisa, então me fez crescer mais cedo do que eu poderia crescer fora dela. Se não fosse a casa, eu não seria tão aberto para entender as necessidades que as pessoas passam. Não as diferenças, mas ver que tem gente que precisa mais que outros e que tem gente que tem mais dificuldade, tem gente que não*. [Gustavo Pereira]

Em 2015, conheci o Galpão Cultural, nossa próxima parada nessa expedição cultural de Araranguá. Por conta do interesse em teatro e buscando contato com pessoas que mantinham o mesmo interesse, acabei conhecendo Sonir e Zaga do Caverá, dois amantes da área de artes cênica que já haviam participado de grupos teatrais da cidade em anos passados. Começamos a nos reunir nos fundos da casa do casal, onde construíram carinhosamente um espaço-potência que abriga um grande galpão de madeira rodeado de um ambiente verde, onde são possíveis as experimentações de muitos fazeres artísticos. Junto ao grupo, participava João[6] como aprendiz e dele trago os relatos para entender melhor o lugar:

> *O espaço sempre ajuda. Se é um espaço tranquilo e aconchegante e se não é um amontoado de coisas. Eu gostava do lugar do Galpão, a energia que ele trazia com as árvores em volta e até mesmo a decoração*

[6] Ator e ex frequentador do Galpão Cultural

dele e sem contar também o Zaga e a Sonir. [João Conti]

A dedicação que o grupo tinha com o teatro, fez ampliar cada vez mais o número de pessoas que se interessavam pelos encontros, mesmo num movimento totalmente independente e amador.

Uma coisa que me formou muito, por mais que o local seja importante, são as pessoas com quem tu trabalha. [...] Numa das primeiras vezes no galpão, eles fizeram um café Jazz and Blues e chamaram uma banda incrível. Eu fiquei tipo "Meu Deus, olha a qualidade dessa banda! E é de Araranguá." Uma coisa que eu tenho é querer diminuir a arte da cidade porque é de Araranguá, nos rebaixar artisticamente e comparar com coisas de outros locais, mas a nossa arte é muito única. [João Conti]

Conforme os corpos iam ocupando o galpão, se tornavam mais frequente os saraus, que criavam outras possibilidades de experiências e aproximava outros corpos, ampliando as relações entre eles cada vez mais. Entre recitais de poesias, peças experimentais e música, do Galpão foram reativados outros grupos de teatro, antes esquecidos ou parados pelas circunstâncias daquele tempo, além de surgirem outras manifestações artísticas espontaneamente.

> Ainda que se mostre como a manifestação aparentemente mais livre dos indivíduos, um terreno por excelência de negação do social, o gosto é o modo em que a vida de cada um se adapta às possibilidades oferecidas pela sua condição de classe e que classifica socialmente. Ao mesmo tempo em que organiza a distribuição dos bens materiais e simbólicos, a sociedade organiza nos grupos e nos indivíduos a relação subjetiva com eles, as aspirações, a consciência do que cada um pode se apropriar. Nesta estruturação da vida cotidiana se arraiga a hegemonia(s) em uma interiorizarão muda da desigualdade social, sob a forma de disposições inconscientes, inscritas no próprio corpo, no ordenamento do tempo e do espaço, na consciência do possível e do inalcançável (MANTECON, 2009, p 186).

Outro espaço-potência que teve como resultado essa ampliação exponencial enquanto existiu, foi o evento Independência e Arte, que mesmo não acontecendo em

um local fixo, considero aqui como um espaço de cultura enquanto ocupação e ativação de lugares públicos como praças, pistas de skate e a periferia. Em suas cinco edições, o evento artístico reuniu muitos sujeitos sensíveis unidos pela arte que não se limitavam à cidade de Araranguá e para dialogar sobre sobre esse evento, trago as falas de Guilherme[7].

> *Foi um movimento que surgiu da ideia de algumas pessoas, principalmente da Vila Samaria que é a banda que eu toco. A gente tinha a intenção de divulgar a nossa arte e a arte de pessoas que a gente conhecia para pessoas da nossa região. Então a gente pensou em criar um evento numa praça porque é um espaço que nós entendemos que ele é subutilizado. Ele poderia ser melhor utilizado pela população em geral e a gente pensou em ocupar esse espaço público. [...] Era ocupar o espaço público com arte, que era uma forma de ocupar o espaço público com pessoas, com gente.* [Guilherme Moutinho]

Em 2016 nasceu o evento e com ele a vontade de manter uma periodicidade nos encontros, acontecendo de acordo com combinados entre os participantes que aumentavam a cada edição. A intenção também era expandir para outros locais, como cidades vizinhas.

> *É um movimento de fomento, de divulgação da cultura regional. Várias pessoas de várias partes da região aqui do sul de Santa Catarina participaram com música autoral, com artes plásticas, com artesanato, com debates também sobre temas afins da cidade. [...] Foi uma experiência muito enriquecedora sob muitos aspectos, pra mim como pessoa, pra mim enquanto artista, enquanto músico, promover isso, os encontros, os debates, a arte no lugar onde eu cresci é uma experiência muito legal.* [Guilherme Moutinho]

[7] Músico e organizador do evento Independência e Arte

Muitas pessoas com interesses em comum passaram a se conhecer através do evento. Hoje olhando para esse movimento, considero-o um marco na cidade de Araranguá enquanto ação prática da arte e encontro expressivo para a sua divulgação e ampliação. Meu primeiro contato com o Independência e Arte foi uma caminhada ao acaso, onde fui até a praça experimentar e testar uma personagem de pantomima e acabei no meio de um grande evento cheio de jovens artistas locais, se tornando uma experiência que habitou meu corpo-lugar instantaneamente.

> *A sociabilidade, a troca de informações, a troca de vivências com outras pessoas e o enriquecimento cultural meu, de saber que existem muitas outras pessoas que são muito boas também e que são muito interessantes, os trabalhos dos artistas, amizades que eu fiz no evento, um senso de pertencimento também, de ver que outras pessoas também comungam da mesmas ideias que eu tenho. O sentimento é muito uma análise de gratidão.* [Guilherme Moutinho]

Os organizadores do evento trazem como referência e inspiração o Ateliê Calle 7, que acontecia na mesma época e também se encontrava em um momento de desenvolvimento e reconhecimento, ele será nosso último espaço-potência aqui retratado. Surgindo da necessidade de dois artistas - Alex Santos e Sarah Calazans - conseguirem um local para produção, a garagem da casa de Alex Santos se torna lugar de arte, laboratório e diálogos. Com mais pessoas interessadas em produzir e trocar informações de arte, a garagem se transforma em Ateliê Calle 7. Para auxiliar na descrição desse espaço, trago as narrativas de Hilda[8] e João.

> *O Alex e a Sarah sempre incentivaram muito. Ai eu sempre trocava uma ideia com eles quando tava por lá, eles sempre convidavam pro espaço. [...] O contato com as atividades na rua e o contato com outros artistas no geral, é sempre como se fosse uma escola mesmo, da prática, da arte em movimento na cidade, dessa troca de conhecimento entre as*

[8] Artista e colaboradora do Ateliê Calle 7

pessoas e do espaço, das atividades. [Hilda Maziero]

O que tem força na cultura da cidade, não é a cidade em si, e sim os artistas independentes. [...] Eu acho incrível o trabalho cultural que os dois (Alex Santos e Sarah Calazans) fizeram e ainda fazem na cidade. Em qualquer bairro que tu vai, tu vê algum trabalho do Alex estampado na parede e não precisa nem estar escrito "Alex, o barbudo", só pelo traço tu sabe que é ele. [João Conti]

O reconhecimento conquistado pelo ateliê trouxe junto uma maior responsabilidade do espaço, crescendo ainda mais e se tornando um local de arte com eventos semanais (antes do isolamento causado pela pandemia do Covid-19) e propostas de formação como oficinas e cursos abertos à comunidade e financiados através de editais.

A gente começou a levar mais a sério também. Tanto o ateliê quanto o individual, cada um, de se profissionalizar como artistas, ver a arte como algo que tem que ter responsabilidade também em se aplicar e tudo mais, e o papel disso na sociedade também. [...] A gente fez algumas interações no instagram, a gente fez live para estar trocando esse conhecimento que lá era tão presente com outros artistas de outras regiões. A gente fez uma exposição também, aquele tbt dos eventos que já rolaram para a galera não esquecer que ainda existe e para matar um pouco da saudade também, porque faz muita falta os encontros. A gente se encontrava e dava uma impulsionada no restante do mês. [...] Foi lá que o que eu senti, que eu vi, que eu vivi, fazia sentido, sabe? Nos encontros, nos eventos, o que era vivido lá foi aquilo tipo: "É isso ai!", impulsiona muito. [Hilda Maziero]

Acho que o Ateliê veio para suprir uma necessidade, porque por mais que ele não aconteça em um lugar público, como numa praça, é no galpão do Alex, porém supre essa necessidade. [...] Como não é um lugar público, a prefeitura não fica incomodada com a nossa presença, não fica incomodada como

> *se tivesse um monte de jovem na praça tocando música.* [João Conti]

Com o aparecimento das exposições no ateliê, surge também um autorreconhecimento dos artistas como artistas além da valorização da produção regional. Para muitos foi como um primeiro contato com a arte de maneira mais séria e organizada, ou como muitos dizem, como um berço.

> *Grande parte do meu berço de arte no coletivo, de produção no coletivo. [...] De estar junto com as pessoas que tem ideias parecidas comigo, meio que o encontro com a minha tribo. Eu sempre aprendo muito, a gente acaba encontrando com muitas pessoas lá e conversando sobre várias coisas, trocando várias experiências. Tanto as que a gente já viveu, quanto lá mesmo assim. E lá é um portal de possibilidades de encontrar muito conteúdo que agrega muito, em vários sentidos, é uma vivência.* [Hilda Maziero]

Após percorrer esses caminhos pelos principais espaços-potência de Araranguá, espero ter elucidado através dos olhares diversos a importância de cada um dos locais. São lugares como esses que fazem possível o transitar dos corpos sensíveis e a criação de espaços de experiências formativas pelo movimento cultural e a memória coletiva.

A seguir, trago uma produção em séries fotográficas onde o meu corpo-lugar habita os espaços com o apagamento e/ou dissolução do próprio corpo, considerando as consequências do isolamento social e o esvaziamento desses espaços-potências. A partir dessas imagens, construo meu mapeamento cultural de Araranguá.

4 MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DE CULTURA DE ARARANGUÁ

A fim de reconhecer os espaços de cultura na cidade de Araranguá, através de mapeamento poético, apresento aqui, séries fotográficas que ~~e~~ evidencia~~ndo~~ o apagamento dos corpos nos espaços, causado pelo isolamento social.

Agrupadas por local, cada uma das séries de fotografia trazem além do corpo que se apaga, o corpo que é dissolvido no espaço, que deixa restos no lugar e que é afetado por ele. Para elucidar também minha relação íntima com cada espaço, trago minhas narrativas como corpo frequentador. Aqui, não incluo o evento Independência e Arte, pois ele nunca se limitou a um espaço físico específico.

A produção intitulada DISSOLUÇÃO DO CORPO-LUGAR, registra meu corpo que percorre os vazios dos espaços culturais; um registro do instante da passagem (o que levo, o que fica), o corpo que dissolve no espaço, o apagamento, ou ainda, a incorporação do corpo no espaço e do espaço no corpo, fundando assim um só lugar.

Museu Histórico

Do salão do museu à sacada do segundo andar, me formei enquanto produtora cultural, curadora, mediadora e conselheira de cultura. Das reuniões de orçamento e finanças às noites de abertura de exposição, caminhei pelas pesquisas históricas e artísticas e olhando para elas descobri sobre mim.

Figura 04 - Museu Histórico, Judh, Fotografia, 2020.

Figura 05 – Arquivo Histórico, Judh, Fotografia, 2020.

Figura 06 – Arquivo Histórico, Judh, Fotografia, 2020

Casa da Fraternidade

A primeira vez que entrei na casa foi para ser professora pela primeira vez. Na sala de teatro, praticava jogos teatrais e improviso com as crianças e adolescentes, ensaiamos nossa peça para apresentar mesmo em um momento delicado de perda. Quando deixei as portas da casa, sai com uma bagagem maior do que quando entrei e levei comigo todos eles.

Figura 07 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020.

Refeitório
COMECE SEU DIA COM AMOR,
VIVA O DIA TODO COM AMOR
E CHEGUE AO FINAL DELE
COM AMOR

Figura 09 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020.

MANTENHA OS LIVROS
ORGANIZADOS
O ESPAÇO
A BATALHA DO
APOCALIPSE
Futuro

Figura 11 – Casa da Fraternidade, Judh, Fotografia, 2020.

Galpão Cultural

No ensino médio conheci as lendas regionais de Araranguá, através de um historiador da cidade Alexandre Rocha. A que mais me fascinou chamava Caracaxá e descrevia um pássaro, às vezes uma bola, de fogo que saía de trás do Morro dos Conventos até mergulhar no Rio Araranguá para afastar forasteiros. De tão apaixonada pelo Caracaxá e por teatro, conheci Zaga e Sonir, dois atores que participaram da peça sobre o Caracaxá. Me juntei à eles para trocar experiências sobre teatro e aprendermos mais um com o outro, mas acabei sendo transformada por inteiro.

Zaga recitava: “é o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo aquilo que poderia ter sido e não foi” (Quase - Sarah Westphal). O galpão então reativou grupos de teatro da cidade - aqueles que tinham sido um “quase” e agora eram novamente um grupo -, resultando em apresentações e ampliações culturais que reverberam até hoje.

Figura 13 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020.

Figura 14 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020.

Figura 16 – Galpão Cultural, Judh, Fotografia, 2020

Ateliê Calle 7

Nem me lembro como conheci o ateliê. Provavelmente fui desabafar alguma angústia com o Alex Santos e ele me abriu as portas desse portal, antes mesmo dele se tornar o que é hoje. Assim como de vários e várias artistas, o Ateliê Calle 7 foi meu berço, pois ali fui reconhecida como artista - pelos outros e por mim mesma - e tive voz para falar sobre minhas pesquisas, encontrar muita gente com interesses compartilhados. Depois de alguns anos enxergo meu crescimento e o crescimento desse lugar acontecendo simultaneamente, somos parte um do outro.

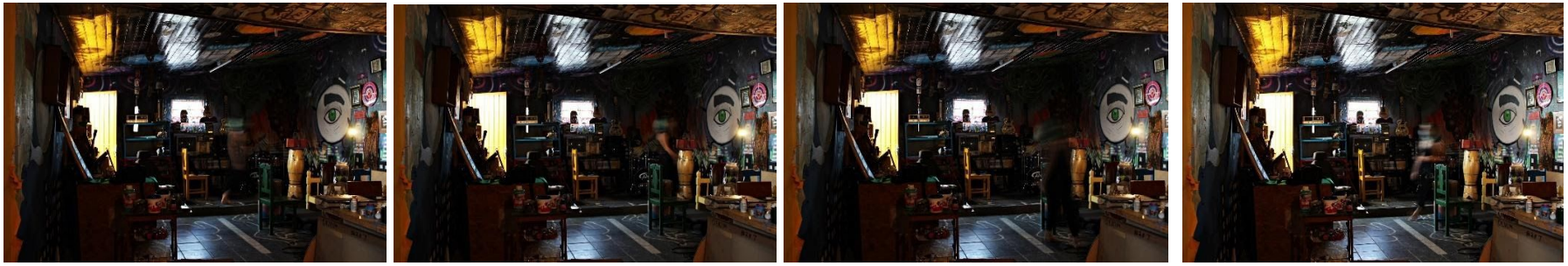

Figura 16 – Ateliê Calle 7, Judh, Fotografia, 2020.

DENIM

Figura 19 – Ateliê Calle 7, Judh, Fotografia, 2020.

A arte CURA!
A ARTE ALIMENTA
SKY
sky.com.br
HR 66

5 PROJETO DE ENSINO

TÍTULO

Mapeamento Corpo-Lugar

JUSTIFICATIVA

Apresento como projeto de ensino uma proposição para ser realizada com turmas do ensino médio, com intuito de instigar nos alunos e alunas à pesquisa sobre os locais em que vivem, o mapeamento dos espaços-potência e dos seus próprios corpos-lugares. Para isso, busco apoio na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) na etapa do ensino médio as competências e habilidades:

> COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
> (EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos criativos que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.
> (EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas e da cultura corporal do movimento às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica e econômica (BRASIL, 2018).

Propondo uma produção artística que utilize de seu corpo para mapear os espaços-potência que lhes ocupam onde “[...] a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente” (JAQUES, 2009), indico que revisitem os espaços de cultura que frequentam

e criem a partir do próprio corpo, em qualquer linguagem, um espaço ideal de formação em arte e cultura.

O projeto possibilita o reconhecimento e valorização dos espaços de cultura e a ocupação dos mesmos pelos alunos e alunas. Além de proporcionar um olhar sensível para o próprio corpo e o corpo do outro, por meio da produção artística e ampliação de repertório estético.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Reconhecer e valorizar os espaços de arte e cultura dos alunos e alunas, bem como seus próprios corpos como meio para formação humana e sensível.

Objetivos específicos

Mapear os espaços de arte e cultura que os alunos e alunas frequentam;

Criar de maneira sensível e coerente, através da linguagem a escolha dos(as) estudantes, uma produção artística que utilize do próprio corpo;

Ampliar o repertório artístico e cultural através da socialização em grupo.

CARGA HORÁRIA

04 aulas de 1 hora cada, totalizando a carga horária de 4 horas.

EMENTA

Mapeamento dos espaços regionais de arte e cultura. Contextualização dos termos Corpo-lugar e Espaço-potência. Experimentações artísticas com o corpo no espaço. Formação estética e educação em espaços não formais.

PÚBLICO ALVO

Alunos e alunas do ensino médio.

METODOLOGIA

Os encontros serão realizados no espaço da escola e organizados em quatro aulas:

Aula 1: Contextualização do termo Corpo-Lugar e Espaço-Potência com aula expositiva e diálogo com os alunos e alunas.

Aula 2: Reconhecimento dos espaços de cultura frequentados e elaboração dos projetos para produção artística em grupos ou individualmente.

Aula 3: Execução da produção artística do Mapeamento Corpo-Lugar utilizando da linguagem escolhida.

Aula 4: Apresentação e socialização das produções com o grande grupo, refletindo sobre as potencialidades dos espaços de culturas como espaços de educação não formal e formação estética, bem como ampliação do repertório por meio das produções artísticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

JACQUES, Paola Berenstein; **Corpografias urbanas: A memória da cidade no corpo**; In: VELLOSO, ROUCHOU e OLIVEIRA, Monica Pimenta, Joelle, Cláudia de; CORPO, identidades, memórias e subjetividades; MAUAD Editora, RJ, 2009.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das frustrações e da solidão de uma pandemia, percebi no trajeto da pesquisa que se torna ainda mais importante refletir sobre a ocupação dos eventos e espaços de cultura. Durante minha formação na graduação, buscava sempre valorizar e divulgar esses locais, pois já reconhecia sua potência enquanto formação das pessoas, sejam elas quais fossem. Ver o vazio das salas e os rostos cobertos das máscaras em meio ao isolamento, foi uma experiência dolorosa, mas tão válida quanto a normalidade de antes. É necessário mais do que nunca assumirmos o nosso espaço nas instituições, nas ONGs, nos nossos lugares possíveis, não abandoná-los diante de um momento tão complicado para o funcionamento deles. Eles existem e ainda resistem para nós.

Desde meu estágio no ensino fundamental II, venho trabalhando o reconhecimento do museu, da praça e dos monumentos históricos e artísticos na cidade com as turmas. Tive a oportunidade de guiar alunos do EJA da região através de meu estágio não obrigatório e é certo que não há idade específica para tomar consciência desses locais e suas contribuições em nossa formação e por isso meu projeto de ensino não seria diferente.

Quando decidi, junto à minha orientadora, percorrer novamente esses locais e por lá caminhar e produzir da maneira que fosse possível — respeitando as normas de prevenção da covid-19 -, senti as minhas memórias reativadas em contato com os espaços. Fui tomada de mim mesma, da minha própria pesquisa, sentindo na pele, no corpo, mais uma vez o quanto cada canto daqueles era parte de mim e refletia minha caminhada até aqui. Percebi também o reconhecimento de mim mesma e dos outros se formando nesses espaços. Colegas, amigos e gente que compartilha do interesse em arte e cultura tendo oportunidade de crescer e se modificar nesses lugares.

Somos seres múltiplos e formados de diversas maneiras, mas considero essencial que priorizemos o

contato com locais diversos e pessoas diversas, pois é nessas situações que criamos conexões da escola com a vida e assim construímos sentidos. Somos nossa cultura, nossas memórias e o que fazemos a partir delas.

Acredito que o principal caminho possível para a formação estética e sensível do sujeito pela experiência em espaços de cultura, que surge dessa pesquisa, é a ocupação dos espaços e eventos culturais promovidos na cidade. Deles se abrem caminhos para construção e reconhecimento da identidade e memória dos sujeitos, para novas relações com pessoas de mesmo interesse e criação de públicos, para divulgação da produção artística regional e sua valorização e para o fortalecimento da cultura local. Os corpos frequentadores desses espaços são formados nesses encontros e relações e deles aparecem novas possibilidades de ampliação e ativação de novos lugares e de novos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, p. 20-28.

_____. **Experiência e alteridade em educação.** Santa Cruz do Sul: Revista Reflexão e Ação, v. 19, n2, p 04-27, jul./dez. 2011.

CERTEAU, Michel de; **A invenção do cotidiano**; 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1998; 351 p.

COSTA, Robson Xavier da; SILVA, Maria Betânia e. **Investigação em/sobre artes visuais: Artista/Pesquisador/Professor.** In: ANPAP; Compartilhamentos na arte: Redes e Conexões Anais do 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas; Santa Maria, RS; 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. ***Mil Platôs.*** Paris: Minuit, 1980; Rio de Janeiro: Editora 34, 1995; 90 p.

FIGUEIREDOS, Luciano (org.). **Lygia Clark Hélio Oiticica: Cartas, 1964-74.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 1998. 260 p.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes.** Cortez Editora; 2015.

_____. **Educação não formal e o educador social em projetos sociais**. In: VERCELLI, Ligia A. (Org.). Educação não formal: campos de atuação. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 11-32.

IBGE; Cidades e estados; Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/ararangua.html > Acesso em: maio de 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias Urbanas: a memória da cidade no corpo**. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de (org.). CORPO: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad, 2009. p. 129-139.

KASTRUP, Virgínia. **Educação e invenção em tempos de incerteza**. In: VOLZ, Jochen; PRATES, Valquiria (Org.). Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos - 32a Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 1-5.

MANTECON, Ana Rosas. **O que é público?** Revista Poiésis, n 14, Dez de 2009, p. 175-215.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª Edição. / Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Intermeios, 2012. 162 p.

SANTELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação**: sintomas da cultura. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. 161 p.

SILVA, Alex Sander da; **Educação e expressividade no pensamento estético de Theodor W Adorno**. Revista Linhas, v.16, n. 31; 2015; Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19847238163120152 16 > Acesso em: 30 de maio de 2020.